

## Grupo PX de rádio amador: prática, caminhoneiro e *inusitado*

Thiago André Rodrigues LEITE<sup>1</sup>

**Resumo:** Abordo, neste artigo, alguns aspectos do grupo PX de rádio amador, aspectos esses relacionados à prática desse grupo, o qual é constituído, em sua maioria, por caminhoneiros, o que implica dizer que tal aparelho parece permitir uma espécie de fuga da solidão das e nas estradas para esses profissionais. No grupo PX, há um jargão próprio, o que não significa que não ocorra a emergência do *aspecto lexical inusitado*. Compreendo o *inusitado* relacionado a vocábulos ou expressões diferentes de vocábulos ou expressões esperados, conforme o jargão próprio e a própria cultura popular, em enunciação via rádio amador. Pelo fato de os operadores de rádio amador, os radioamadoristas, interagirem, geralmente, via codinomes, parece que há uma frequência significativa de aparecimento do *inusitado*, dada a questão da face protegida. Assim, procuro analisar, sob um viés enunciativo, a ocorrência de alguns *aspectos lexicais inusitados*. Para tanto, pauto-me em Saussure (2006), Benveniste (2006), Authier-Revuz (1990, 2004), entre outros.

**Palavras-chave:** PX, rádio amador, prática, caminhoneiro e *inusitado*.

**Abstract:** In this article, I discuss some aspects from the amateur radio PX group. These aspects are related to the practice of this group, which is constituted, mostly, by truck drivers. So, the amateur radio seems to allow a kind of loneliness escape from and in the roads to these workers. In the PX group, there is a specific jargon, what does not mean that the *unusual lexical aspect* does not happen. I understand the *unusual* related to words or expressions that differ from those expected ones, according to the specific jargon and the popular culture, in enunciation via the amateur radio. The amateur radio operators usually have nicknames to the interaction via this media, what seems to make the *unusual* emerge more frequently, because of the protected face. In this way, I analyze, from an enunciative perspective, some *unusual lexical aspects*. For it, I base on Saussure (2006), Benveniste (2006), Authier-Revuz (1990, 2004), and others.

**Keywords:** PX, amateur radio, practice, truck driver and *unusual*.

### Introdução

Nunca se vence uma guerra lutando sozinho. Cê sabe que a gente precisa entrar em contato. Raul Seixas (1979)

Gostaria de iniciar este artigo dizendo que o avanço tecnológico afeta a vida social, minimizando inclusive distâncias e obstáculos às relações humanas. Em certo sentido, tal avanço tem influído nas mais variadas formas de interação. O aparelho de rádio amador é

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Uberlândia. Correio eletrônico: thiago\_fucamp@hotmail.com

uma dessas tecnologias que faz parte do cotidiano de grupos sociais específicos e que interfere, de um modo ímpar, nas relações humanas, dado que promove, conforme abordo aqui, um modo peculiar de interação, suscitando um modo diferente de enunciar. Nesse sentido, os operadores de rádio amador, os radioamadoristas, pensando em um grupo específico, o PX<sup>2</sup>, interagem entre si de um modo que não o fazem em espaços enunciativos formais, por exemplo. Assim, vale dizer que a língua, como parte concreta de práticas languageiras, que possibilita a emergência de vocábulos ou expressões distintas daquelas já estabilizadas na e pela prática social, está, nesse espaço, marcada pela possibilidade de jogo (com o) significativo, jogo esse como demanda do próprio espaço.

A partir de *enunciações*<sup>3</sup> relativas a interações entre radioamadoristas do grupo PX, destacando as enunciações *no*<sup>4</sup> município de Monte Carmelo, Minas Gerais, é possível observar que esse grupo de rádio amador movimenta, de modo específico, a ocorrência de subversões e transformações lexicais. Na perspectiva daquilo que está para a ordem do “imprevisível”, do “diferente”, do “novo”, penso na possibilidade de dizer que há a emergência do *aspecto lexical inusitado* nessa prática específica. Compreendo que o *inusitado* está

2 PX, além de ser um tipo específico de aparelho de rádio amador, marca um grupo específico de radioamadoristas, significando, conforme o alfabeto do grupo, Papa Xingu. Alfabeto do grupo PX de rádio amador: A (Alfa), B (Bravo), C (Charles), D (Delta), E (Eco), F (Fox, Foca), G (Gol, Golfe), H (Hotel, Honduras), I (Índia), J (Julieta, Judite), K (Kiko), L (Lima, Lincoln), M (Mecha), N (Nota, November), O (Oscar), P (Papa), Q (Queijo), R (Roma), S (Serra, Sertão), T (Tango, Touro), U (Universo), V (Victor, Vitória), W (William), X (Xingu, Xuxa), Y (Yanque) e Z (Zorro, Zulu). Esse alfabeto é geralmente empregado por algum radioamadorista para mencionar seu próprio QRA (codinome). Por exemplo, se o QRA de um radioamadorista é Museu, então, esse QRA pode ser soletrado da seguinte forma: Mecha. Universo. Serra. Eco. Universo. Cabe ressaltar que assinalo apenas as correspondências que conheço, havendo muitas outras também. Acerca dessa questão do QRA, considero interessante dizer que o código Q, código esse internacional, é empregado por outros grupos de rádio amador. Exemplos do código Q: QRA (codinome), QSL (entendido), QRM (interferência), etc.

3 Estou considerando a definição de *enunciação* dada por Benveniste (2006, p.82) ao dizer que “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Na teoria desse autor, o objeto não é o texto, mas o próprio *ato* de produzir enunciado, o que permite associar ao fato de que, segundo Benveniste (2006, p.82), “a relação do locutor com a língua determina os caracteres lingüísticos da enunciação”. Entendo que tanto o *ato* como a *relação*, de acordo com essas citações, são sempre singulares para cada sujeito.

4 Gostaria de enfatizar que afirmo *no* em vez de *do* pelo fato de lidar aqui com interações entre radioamadoristas do município de Monte Carmelo, Minas Gerais, e, também, entre radioamadoristas desse município com radioamadoristas de outros lugares, abrangendo outros Estados brasileiros, levando-se em conta a presença de caminhoneiros.

presente naqueles constituintes lexicais que “escapam” ao esperado no encadeamento linguístico onde emergem, visto que o sistema já apresenta outra forma (signo linguístico) estabilizada pela prática social, que se adequaria à circunstância. Esse caráter contingente reside no fato de o *inusitado* vir no lugar daquilo que está para a ordem do *jargão*<sup>5</sup> do rádio amador ou da cultura popular. Dessa forma, chama a atenção que o *inusitado*, previsto pelo próprio sistema linguístico no processo de enunciação que o mobiliza, emerge via um modo outro de subjetivação, marcado pela solidariedade, o humor, a descontração, a afetividade, etc.

No que diz respeito à emergência do *inusitado* via rádio amador, abro um parêntese para ilustrar um acontecimento contado por Leiris (2009). Ao descrever meticulosamente um dado cômodo, rememorando uma infância feérica, esse autor conta que um soldado de brinquedo seu havia caído no chão, embora acredite que a palavra “soldado” não significava algo ainda muito preciso na infância. Não que o essencial tenha sido a queda do soldado, mas algo de seu pertencimento, um brinquedo. A queda de um brinquedo com grande perigo de quebrar, dada a queda direta e a altitude. No entanto, ao se abaixar e pegar o soldado, verificou que este não havia quebrado. A sua alegria fez com que expressasse, em francês, *reusement* (“flismente”). Entretanto, alguém que estava no cômodo, com mais experiência, ao ouvir que ele havia dito “reusement”, afirmou que se deve dizer *heureusement* (“felizmente”), o que o fez parar por alguns instantes. De algo seu até então, “reusement” estava para a ordem agora de um elemento compartilhado, constitutivo da língua, dentre as diferentes possibilidades permitidas pelo sistema. Fechando parêntese, esse acontecimento, de certa forma, leva a um paralelo: a solidão das e nas estradas vivenciada por caminhoneiros parece ser rompida pela alegria ao se interagir via rádio amador, podendo emergir, com uma frequência

---

5 Em Autor (2010), trabalhei com um material de pesquisa composto por duas fitas cassetes gravadas a partir de interações entre radioamadoristas do grupo PX no município de Monte Carmelo, Minas Gerais. O *corpus* da dissertação foi referente a recortes desse material. Chamo a atenção para o fato de que, nos recortes analisados aqui, defini, em nota de rodapé, aquilo que já faz parte do *jargão* do grupo PX. Afirmo *jargão* pelo fato de, conforme minha compreensão, baseando-me em Biderman (2001), o *jargão* parece permear um grupo sócio-profissional, enquanto a *gíria* não está para a ordem de um grupo sócio-profissional, mas para a ordem de outros grupos sociais. Esse ponto de distinção permite afirmar que é comum se dizer, por exemplo, o *jargão* dos médicos, porém não a *gíria* dos médicos. Pelo fato de fazer parte do grupo PX, conheço uma boa parte do seu *jargão*.

significativa, o *inusitado*, assim como emergiu “reusement” no lugar de “heureusement”.

Abordo, neste artigo, alguns aspectos do grupo PX de rádio amador, aspectos esses relacionados à prática desse grupo, o qual é constituído, em sua maioria, por caminhoneiros, o que implica dizer que tal aparelho parece permitir uma espécie de fuga da solidão das e nas estradas para esses profissionais. No grupo PX, há um jargão próprio, o que não significa que não ocorra a emergência do *aspecto lexical inusitado*. Pelo fato de os radioamadoristas interagirem, geralmente, via codinomes, parece que há uma frequência significativa de aparecimento do *inusitado*, dada a questão da face protegida. Assim, procuro analisar, sob um viés enunciativo, a ocorrência de alguns *aspectos lexicais inusitados*. Para tanto, pauto-me em Saussure (2006), Benveniste (2006), Authier-Revuz (1990, 2004), entre outros.

### **Prática de rádio amador do grupo PX: o caminhoneiro e a fuga da solidão das e nas estradas**

A maior parte do grupo PX de radioamadoristas é constituída por caminhoneiros. Para esses radioamadoristas em específico, a prática de rádio amador parece funcionar como uma espécie de fuga da solidão das e nas estradas, visto que esses profissionais podem permanecer sozinhos por horas conduzindo seus veículos. Assim, as enunciações via aparelho de rádio amador podem funcionar como essa espécie de fuga. Nesse sentido, julgo oportuno um paralelo com o poema *A flor e a náusea*, de Carlos Drummond de Andrade (2002), conforme o seguinte trecho abaixo.

uma flor nasceu na rua! / Passem de longe, bondes,  
ônibus, rio de aço do tráfego. / Uma flor ainda desbotada  
/ ilude a polícia, rompe o asfalto. / Façam completo  
silêncio, paralitem os negócios, / garanto que uma flor  
nasceu. (...)

Destacando o título do poema, tomo o vocábulo *flor* pela expressão *rádio amador* e o vocábulo *náusea* pelo vocábulo *solidão*, já que, de modo geral, embora haja muitas pessoas em diferentes veículos nas estradas, há a *solidão* de diversos motoristas em suas viagens. Assim, o *rádio amador*, como a *flor* no poema, permite o rompimento

com a *solidão (náusea)*, dadas as enunciações proporcionadas aos radioamadoristas.

Para ilustrar o caráter de fuga da solidão das e nas estradas, chamo a atenção para a enunciação de dois radioamadoristas a partir de recorte abaixo.

BARRA FORTE: Tá legal, Zé, com sua permissão e o Tijolo, xô vê. Ô Carlim, escuta o Barra Forte quando ele fala?

CARLIM: *Um abraço pru senhor aí, tá bão, vai seno eu aqui, tá bão?! Carlim, carguero pesado aqui, companhia do Zé Urso e do Tijolo ali. Bacana, tá bão, satisfação, aquela boa noite pu senhor aí... Aí, com certeza, que tá tudo beleza jóia aí. Tá bão, colega, tô aqui imbicado em direção do QTH<sup>6</sup>, né?! Tá loco, acelerano o carrão<sup>7</sup> do patrão pra vê se nas hora mais avançada na madrugada chegá no QTH<sup>8</sup> pra ficá bacana pru nosso lado, QSL<sup>9</sup>?!*

BARRA FORTE: Tá legal, Carlim, que QSL<sup>10</sup>, tá bão, meu jóvio... Taí, né, acelerano o carrão<sup>11</sup> do patrão, o que liga é o QT<sup>12</sup>, né?! Contente aqui, viu, Carlim, contestá e recepcioná o amigo através do vento, ô Carlim, câmbia<sup>13</sup>... (grifos meus).

A partir dessa enunciação, é possível descrever algumas características da prática de radioamadorismo do grupo PX: afeto, respeito, poesia e amizade. Os dizeres: *um abraço pru senhor aí, satisfação, aquela boa noite pu senhor aí* e *tá tudo beleza jóia aí*, parecem dar um tom de afeto, dado o tom de respeito via o substantivo *senhor*. Por outro lado, os dizeres *o carrão do patrão, avançada na madrugada* e *contestá e recepcioná* permitem perceber poesia via as rimas ali presentes. Ademais, o vocábulo *amigo*, enunciado por Barra Forte, remete à amizade que transparece nesse espaço enunciativo. Já o dizer do radioamadorista Carlim: *em direção do QTH pra ficá bacana pru nosso lado*, parece funcionar como uma forma fugir da solidão das e nas estradas, já que há a menção ao retorno ao lar, mas, enquanto

6 Casa.

7 Caminhão, carreta ou carreta bi-trem.

8 Casa.

9 Entendido, compreendido.

10 Idem.

11 Caminhão, carreta ou carreta bi-trem.

12 Casa.

13 Câmbio.

isso não se dava, o que restava era interagir via rádio amador.

Nessa perspectiva da fugacidade da solidão das e nas estradas, cumpre dizer que muitos radioamadoristas caminhoneiros já passaram por Monte Carmelo cantando ou, até mesmo, passando alguma música via rádio amador. Assim, parece que há a vontade de dividir os sentimentos nesse espaço enunciativo, o que permite dizer que muitas amizades são feitas nas estradas. Parece haver amor via rádio amador, o que sugere que os radioamadoristas são amadores, no sentido de amarem as interações, as amizades e as efemeridades. Portanto, entendo é um modo de lidar com a solidão das e nas estradas. Como os radioamadoristas, em sua grande maioria, têm QRAs (codinomes), isso leva a dizer que esses operadores de rádio amador parecem se “metamorfosearem” no espaço enunciativo pxzeiro, no sentido de colocarem a fantasia em ação via suas personagens, permitindo uma abertura significativa para a emergência do *inusitado*.

### **O *inusitado* via enunciação do grupo PX de rádio amador**

Os radioamadoristas do grupo PX enunciam de um modo que não o fazem em outros espaços, já que eles criam suas personagens ali, havendo a preservação da imagem. Assim, ante uma face protegida, parece que há uma grande possibilidade de o *inusitado* emergir, levando-me à construção de algumas categorias para ele. No entanto, vale dizer que o vocábulo “categoria” parece remeter a “fechamento” de sentido e, portanto, a somente uma possibilidade de análise. Estas não são perspectivas com a quais coaduno, visto que não é possível conhecer todo o (im)possível da língua, do sujeito, do sentido. Há real<sup>14</sup>.

Para a construção aqui aventada, gostaria de tocar em algumas teorizações dadas por Authier-Revuz (1990), que lida com questões relacionadas ao funcionamento da linguagem. De início, julgo relevante dizer que essa autora considera que a linguagem é heterogênea. Nesse sentido, Authier-Revuz (1990, p.26) afirma que “abordagens teóricas diversas têm mostrado que toda fala é *determinada de fora* da vontade do sujeito da enunciação e que este é ‘mais falado do

---

14 Com base na Psicanálise lacaniana, compreendo que o real está para a ordem daquilo que escapa ao esperado. Assim, diria que ele foge ao controle. Está para a ordem, segundo Teixeira (2000, p.87), da “impossibilidade de formalização pela linguagem”. A despeito de ficar fora da linguagem, está no bordo. É o impossível de ser simbolizado, mas, havendo, de certa forma, aproximação.

que fala” (grifos da autora). Compreendo que o “de fora” está para a ordem da heterogeneidade do dizer; também, para a ordem de um *sujeito descentrado*<sup>15</sup>, isto é, constituído por outros dizeres. Ele não é, portanto, fonte de seu dizer.

Pensando no fato de o sujeito da enunciação não ser fonte de seu dizer, considero oportuno tecer um paralelo com questões saussurianas. Dessa forma, parece que, ao considerar a língua como um “tesouro” oriundo de outras gerações, Saussure (2006) toca nessa questão de o sujeito ser constituído por outros dizeres. Conforme Saussure (2006, p.85), “a qualquer época que remontemos, por mais antiga que seja, *a língua aparece sempre como uma herança da época precedente*” (grifos meus). Essa questão da *herança da época precedente* deixa entrever que o sujeito não é senhor de suas palavras, mas clivado por elas. Seus dizeres são decorrentes de outros dizeres, o que permite associar ao fato de a língua, sob prisma saussuriano, *sofrer a influência de todos*.

Embasando-me em Authier-Revuz (1990), coaduno com a perspectiva da opacidade da linguagem. Todavia, há efeito de transparência, no sentido de haver a compreensão, o que aponta para o um dos sentidos, isto é, para o funcionamento do imaginário. Por outro lado, é possível perceber o funcionamento de não-um por meio das *não-coincidências*<sup>16</sup>, as quais são baseadas na heterogeneidade mostrada.

Conforme Authier-Revuz (1990), há a heterogeneidade mostrada (outro) e a heterogeneidade constitutiva (Outro). A mostrada é parte da constitutiva, é uma “negociação” com esta, não é, portanto, seu reflexo fiel. Nesse sentido, conforme hipótese da autora, a mostrada não é um espelho da constitutiva. Alguns exemplos acerca da heterogeneidade mostrada, levando-se em conta as formas marcadas são: discurso direto, glosas, etc. Ou seja, é o outro na linearidade.

A heterogeneidade constitutiva é fundante, é o Outro radical

---

15 Authier-Revuz (2004, p.48) afirma que “contrariamente à imagem de um sujeito ‘pleno’, que seria causa primeira e autônoma de uma palavra homogênea, sua posição é a de uma *palavra heterogênea* que é o *fato de um sujeito dividido* (o que não significa nem desdobrado, nem compartimentado)” (grifos da autora). É o sujeito efeito da linguagem discorrido pela Psicanálise lacaniana.

16 Vale dizer que as não-coincidências são divididas em quatro categorias: a não-coincidência interlocutiva, a não coincidência do discurso consigo mesmo, a não coincidência entre as palavras e as coisas e a não coincidência das palavras consigo mesmas. Enquanto as duas primeiras não-coincidências apóiam-se no quadro do dialogismo bakhtiniano, as duas últimas apóiam-se na Psicanálise lacaniana.

na enunciação, na linearidade. É radical, já que é inapreensível e irrepresentável. A constitutiva não é localizada, mostrada, perceptível. Está sempre no fio do dizer, ou seja, é onipresente, está na enunciação e não há como extirpar. Há apenas “flashes” da heterogeneidade constitutiva via as não-coincidências.

Nessa perspectiva, com base nas não-coincidências, gostaria de construir quatro categorias para o *inusitado*: *inusitado metafórico*, *inusitado eufêmico*, *inusitado hiperbólico* (relacionando-os à não coincidência entre as palavras e as coisas) e *inusitado equívoco* (relacionando-o à não coincidência das palavras consigo mesmas). Essas não coincidências, baseadas na Psicanálise lacaniana, estão para a ordem do real da língua, o amor da língua, enfim, a manifestação de *alíngua*. Tais não-coincidências são formas não-marcadas que dizem respeito a questões interpretativas. É a presença do outro na enunciação de forma implícita. Assim como as formas marcadas, as não marcadas se articulam com a heterogeneidade constitutiva também.

A não-coincidência entre as palavras e as coisas diz respeito à oposição entre a língua e as infinitas singularidades do real a nomear, o que parece apontar para a possibilidade de as formas ganharem sentidos outros, daí pensar nas categorias: *metafórico*, *eufêmico* e *hiperbólico*. Associo a não coincidência entre as palavras e as coisas, ressaltando essas categorias, ao fato de haver uma hiância da língua em relação ao sentido e em relação à referência ao mundo. Essas categorias representariam, portanto, uma manifestação de *alíngua*.

Por outro lado, a não coincidência das palavras consigo mesmas diz respeito ao fato de haver uma hiância da língua em relação a ela mesma, daí pensar em *equívoco*. Ou seja, é a possibilidade de ocorrer sentidos diferentes num mesmo segmento linguístico, já que a língua não consegue ser ela mesma. Assim, a categoria *equívoco* representaria também uma manifestação de *alíngua*.

Subdividi o *inusitado* em *metafórico*, *eufêmico*, *hiperbólico* e *equívoco* pelo fato de emergir nas enunciações dos radioamadoristas, conforme minha observação, vocábulos e/ou expressões que remetem a esses adjetivos para o *inusitado*. Nesse sentido, penso que o *inusitado metafórico* está para a ordem de um dizer que ganha um sentido outro em contraposição ao sentido corrente/estabilizado. Por outro lado, o *inusitado eufêmico* está para a ordem de um dizer que dá um tom de

amenização a uma dada situação. Já o *inusitado hiperbólico* está para a ordem de um dizer que dá um tom de exagero. E o *inusitado equívoco* está para a ordem de um dizer que remete a um duplo sentido, não se desfazendo a ambiguidade. Assim, para ilustrar essas categorias, apresento os recortes abaixo.

TIJOLO: Positiva<sup>17</sup>... Se chamasse a gaiola, eles tomava conta só com o Advogado, só... Os outro saía tranquilo... Mas, bacana, Barra Forte, vai desculpano a brincadeira aí, fica com Deus aí, tudo de bom pu senhor aí, um bom final de semana, um bom domingo, devagar com as louritas, né, senão a casa cai... E o senhor vai ficando com Deus, tudo de bão, vô apavorá o carro<sup>18</sup> aqui, tô passano aqui a city do mesmo aí e apavorá o carrão<sup>19</sup> aí em busca do QTH<sup>20</sup> pra ficá do modelo, senão *a dona onça* lá não vai gostano aí... (grifos meus)

TIGRIM: Ah, positiva<sup>21</sup>, não, eu tô notano aqui mesmo, ficô diferente, ave credo<sup>22</sup>, é pura bucha<sup>23</sup>... O senhor tá gripado, é?

BARRA FORTE: Ok, não, eu tava, né, agora eu fui inventá de modulá<sup>24</sup> uma lourita, uma só aí, aí deu uma *pitimbadinha* aqui, viu?! (grifos meus)

BARRA FORTE: Não, hoje não, viu, Touro?! Hoje, não, tô meio pitimbado, a *gargantona*, né?! Quando eu tô assim, eu vô chegano e o povo já vai ofertano lourita, eu não posso modular<sup>25</sup>, então num vai, né?! (grifos meus)

TOURO SENTADO: Não... Mas, sô, nas fazenda num tem lourita não, sô! Fazenda é água pura memo, viu?! É água filtrada e pura, viu?! Aquela *boa*! (grifos meus)

A partir desses recortes, chamo a atenção para a ocorrência dos *inusitados metafórico, eufêmico, hiperbólico e equívoco*. A expressão *a dona onça*, conforme compreendo, ressaltando o vocábulo "onça",

17 Positivo.

18 Acelerar o caminhão, carreta ou carreta bi-trem.

19 Idem.

20 Casa.

21 Positivo.

22 Algo negativo. Parece ter certa semelhança com outras expressões do jargão do rádio amador: pura maracutaia e pura bucha.

23 Algo negativo. Parece ter certa semelhança com outras expressões do jargão do rádio amador: pura maracutaia e ave credo.

24 Beber. Dependendo da situação enunciativa, pode significar conversar.

25 Idem.

não remete ao seu sentido de animal, ganhando um sentido outro ali, como, por exemplo, brava. Por outro lado, o vocábulo *pitimbadinha* parece dar um tom de suavização à situação de gripe na qual o radioamadorista Barra Forte se encontrava. Já o vocábulo *gargantona* parece dar um tom de exagero, já que esse vocábulo parece não remeter a uma garganta grande, mas, sim, inflamada. E o vocábulo *boa* parece remeter a sentidos díspares coexistindo: água e pinga (ou, conforme jargão do rádio amador, *suco da confusão*).

Considerando as construções de categorias para o *inusitado*, associo a Milner (1984, p.184) ao dizer que “é necessário que as operações de variação praticadas pelo linguista, as diferenciações que manifestam, as delimitações que constatarem sejam repetíveis” (tradução minha). Assim, as delimitações que teci via as categorias levam a dizer que há aquilo que está para a ordem do repetível no espaço enunciativo do rádio amador, já que é um espaço histórico. Todavia, vale dizer que há aquilo que está para a ordem do irrepetível, no sentido de haver real, ocorrendo, portanto, possibilidades não esperadas em termos linguísticos.

Sob essa perspectiva das possibilidades, remetemo-me a dizeres lacanianos. Segundo Lacan (1998, p.506), “é na cadeia de significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento” (grifos do autor). Ou seja, compreendo que há possibilidade de sentidos outros emergirem num ato enunciativo, já que há sempre sujeito movimentando o sistema linguístico.

## **Considerações finais**

A prática de radioamadorismo do grupo PX é uma prova cabal da ocorrência de uma intensa produção lexical, ressaltando o jargão e o *aspecto lexical inusitado*. Configura-se como uma prática propícia à emergência do *inusitado* pelo fato de haver, conforme meu entendimento, identificação entre os radioamadoristas, transparecendo solidariedade, afeto e amizade em suas enunciações. Parece-me que o jogo (com o) significante possibilita o estabelecimento de laço, um laço social que

traz indícios de identificação entre aqueles que se tornam amigos à distância. Ademais, as personagens dos radioamadoristas, enfatizando a criação de codinomes e adereços (como, por exemplo, a mudança de sotaque), proporcionam ao radioamadorista uma face protegida, o que parece ser mais uma condição favorecedora à emergência do *inusitado*.

Nesse sentido, conforme demanda do próprio espaço enunciativo do rádio amador, parece-me que o radioamadorista será mais “cotado” se brincar com a língua e seus recursos, promovendo ludicidade, jocosidade, etc. É um jogar com a língua de modo “espontâneo”, o que parece incidir na própria voz, a qual é, a meu ver, musicada nesse espaço, de modo a transmitir entusiasmo, força, presença, etc. Desse modo, chama a atenção a possibilidade de dizer que os radioamadoristas são poetas da e na linguagem, já que “brincam” com ela, no sentido de fazerem associações entre elementos linguísticos diferentes das associações já estabilizadas por outras práticas sociais.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

\_\_\_\_\_. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: **Cad. Est. Ling.**, Campinas, (19), jul./dez. 1990. p.25-42.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística**: teoria lexical e computacional. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LEIRIS, Michel. Reusement. In: **Projeto Análise**, acesso dia 10 de novembro de 2009. <[www.jorgeforbes.com.br](http://www.jorgeforbes.com.br)>

LEITE, Thiago André Rodrigues. **A enunciação no rádio amador**: produtividade lexical e manifestação de alíngua. Dissertação de mestrado. UFU, 2010.

MILNER, Jean-Claude. La constitution du fait em Linguistique. In: ARCHAD, Pierre; GRUENAI, Max-Peter, JAULIN, Dolores. In: **Histoire et Linguistique**. Paris: Ed. de la Maison des sciences de l’homme, 1984.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 27. ed. São Paulo:

Cultrix, 2006.

TEIXEIRA, Marlene. **Análise de discurso e psicanálise:** elementos para uma abordagem do sentido do discurso. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

### **Música**

**Por que os sinos dobram?** Disco: As profecias: Raul Seixas, 1979.

Recebido em 08 de julho de 2012.

Aceito em 25 de setembro de 2012.